

EC



Máire Geoghegan-Quinn:
voto de confiança

ORÇAMENTO SEM CRISE

A crise do euro levou a União Europeia (UE) a uma fase de austeridade, mas os investimentos em ciência podem passar incólumes pelo arrocho. Uma proposta de orçamento apresentada pela Comissão Europeia, órgão executivo da UE, prevê um aumento de 45% nos gastos com pesquisa e inovação, passando de € 55 bilhões (o equivalente a US\$ 80 bilhões) no período de 2007 a 2013 para € 80 bilhões entre 2014 e 2020. A redução nos subsídios agrícolas ajudaria a financiar a ciência. A proposta é um marco no processo que determinará o formato do sucessor do Sétimo Programa-Quadro (FP7), principal instrumento de financiamento à pesquisa do bloco, batizado de Horizonte 2020. A proposta precisa ser aprovada pelo Parlamento Europeu e pelos Estados mem-

bros, mas revela o sucesso da estratégia da comissária para a pesquisa da UE, a irlandesa Máire Geoghegan-Quinn. “Ela conseguiu convencer os outros comissários de que, se há um setor que precisa de mais investimento, é o da pesquisa”, diz Peter Tindemans, especialista em política científica da Euroscience, com sede em Estrasburgo. Geoghegan-Quinn disse à revista *Nature* que a proposta é “um grande voto de confiança na ciência”, mas exortou os pesquisadores a lutarem por sua implantação. “Os agricultores vão pressionar, então os cientistas precisam fazer o mesmo”, disse.

ESTUDANTES EMPREENDEDORES

A Universidade Kenyatta, a segunda maior do Quênia, criou uma incubadora de negócios em seu *campus* em Nairóbi para transformar ideias de estudantes em produtos comerciais. O Centro de Incubação e Inovação Empresarial Chandaria é, segundo seus idealizadores, o primeiro do tipo no leste da África e vai promover pelo menos 50 projetos de estudantes por ano, com o apoio de uma equipe de mentores da universidade e lideranças industriais. “A criação do centro é baseada em uma parceria público-privada para treinar estudantes com perfil empreendedor, aqueles que, depois de formados, não procuram empregos, mas, sim, criam empregos”, disse à agência *SciDev.Net* Olive Mugenda, vice-chanceler

da Universidade Kenyatta. A iniciativa já tem nove projetos aprovados, como um supermercado *on-line*, uma unidade de reciclagem de rejeitos plásticos e um sistema de alerta contra roubo, todos desenvolvidos por estudantes. As inovações serão incubadas por um período de seis meses a um ano. A Fundação Chandaria, instituição que promove a saúde e a educação no Quênia, está investindo no centro 25 milhões de xelins quenianos, o equivalente a US\$ 275 mil. A universidade vai participar com cifra equivalente. Há outros parceiros da iniciativa, como um fundo empresarial que irá apoiar os alunos após o processo de incubação; o provedor de internet Telkom-Orange, que está oferecendo acesso gratuito à rede; e a Universidade de Western Ontario, do Canadá.

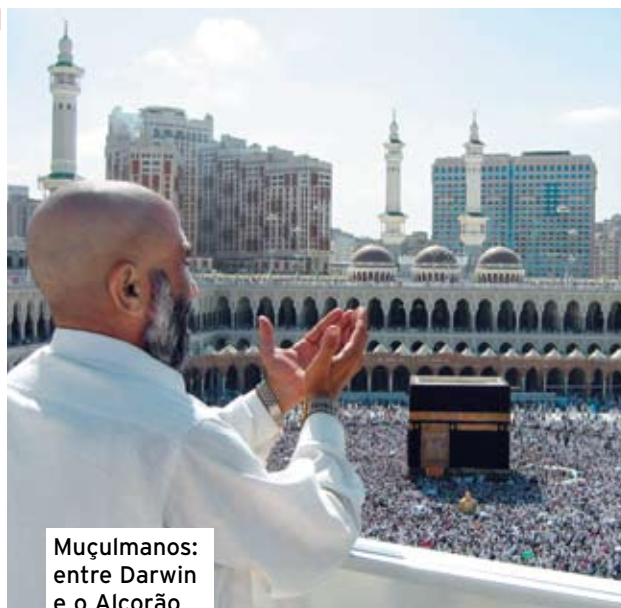


Aluno da
Universidade
Kenyatta:
produtos

SWATHI SRIDHARAN / ICRISAT

NEGOCIANDO A MODERNIDADE

O mundo islâmico vive um momento curioso na sua relação com a teoria da evolução, de acordo com um levantamento sobre o tema feito entre médicos e estudantes de medicina muçulmanos de várias partes do mundo. “Os países islâmicos estão negociando a modernidade e a resposta dos entrevistados evidenciou isso”, disse à agência *SciDev.Net* Salman Hameed, coautor da pesquisa e diretor do Centro para o Estudo da Ciência em Sociedades Muçulmanas, do Hampshire College, Estados Unidos. Foram ouvidos médicos e estudantes em cinco países de maioria islâmica – Egito, Indonésia, Malásia, Paquistão e Turquia



Muçulmanos: entre Darwin e o Alcorão

– e também em nações que recebem muitos muçulmanos, como Alemanha, Reino Unido e Estados Unidos. Os entrevistados tinham boa cultura científica e bagagem

educacional comum. A aceitação da teoria da evolução variou. Mais de 80% dos paquistaneses radicados nos Estados Unidos a aceitava. Mas a maioria dos médicos da Malásia a rejeitou, sobretudo quando a evolução se relaciona a seres humanos. “Se a evolução é confundida com ateísmo, a rejeição cresce”, disse Hameed. Um dos entrevistados, um médico turco, explicou: “É complicado. Eu aceito a evolução cientificamente, mas a rejeito do ponto de vista religioso”.

NASCE UMA REVISTA

Três grandes patrocinadores das ciências da vida, o Howard Hughes Medical Institute, o Wellcome Trust e a Sociedade Max Planck, vão lançar uma revista científica para rivalizar com títulos como *Nature* e *New England Journal of Medicine*. A publicação, a ser lançada em 2012, ainda não tem nome, mas será divulgada apenas pela internet e com acesso aberto. “Não basta fornecer os melhores recursos para fazer pesquisa. É preciso tornar a informação acessível”, afirmou Robert Tjian, presidente do Howard Hughes Medical Institute. Herbert Jackle, vice-presidente da Sociedade Max Planck, disse que as publicações líderes estão mais preocupadas em elevar seus fatores de impacto do que divulgar a melhor ciência. Ele afirmou que os avaliadores fazem demandas excessivas antes de aceitar os artigos. Os editores da nova publicação serão cientistas da área com *expertise* para tomar decisões rápidas, evitando o vai e vem dos revisores, disse Tjian.

CAÇA POLÊMICA

Os Estados Unidos podem impor sanções comerciais à Islândia em represália à insistência do país de caçar baleias e exportar sua carne para o Japão. O secretário norte-americano de Comércio, Gary Locke, acusou a Islândia de ameaçar espécies em risco de extinção e disse que as sanções podem sair em setembro. A Islândia retomou a caça comercial em 2006, apesar da moratória global determinada pela Comissão Baleeira Internacional (IWC). O ministro da Pesca islandês, Jon Bjarnason, afirmou que a caça é sustentável e baseada “em boa ciência”. “Nossa quota anual de baleias-mink é de 216, de um estoque de aproximadamente 70 mil animais, e a de baleias-fin é de 154, de um estoque de 20 mil animais”, disse o ministro, segundo a agência *BBC*. A quota de baleias, afirmou Bjarnason, foi calculada com a ajuda de modelos computacionais, mas seu patamar, de acordo com a IWC, é três vezes maior do que a cautela recomendaria.



Baleia com filhote na Islândia: quota